

Juvenal Galeno e a poesia do povo *

Sânzio de Azevedo

1 — INTRODUÇÃO

O início do Romantismo brasileiro, como não se desconhece, ocorreu por volta da época da Independência política de nosso País, razão por que, ao passo que a Europa celebrava os cavaleiros medievais, o Brasil, em sua luta contra o domínio da cultura lusitana, exaltava os guerreiros indígenas. Essa busca de cor local, porém, não privilegiou apenas o aborígine, mas também o mestiço, igualmente brasileiro, e cuja cultura era própria, diferente, portanto, da cultura portuguesa. Como observou Afrânio Coutinho,

A procura do colorido local peculiar conduziu à compreensão da literatura popular, onde, para os românticos, residiria o caráter original da criatividade literária, e de onde partiria o veio formador da literatura.¹

Essa valorização da cultura popular vem de longe, e um precursor do Romantismo alemão, como Johann Gottfried Herder (1744-1803), embora dando um sentido mais amplo ao vocábulo *povo* (Volk), incluindo em suas produções tanto

* Palestra pronunciada no dia 10-3-81, em comemoração ao 50.º aniversário de falecimento de Juvenal Galeno.

1 COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro, São José, 1966, p. 171.

o Cântico dos Cânticos e os Salmos quanto a obra de Homero, Shakespeare e até Dante, ao lado da dos trovadores provençais e de Ossian, considerava a poesia popular “a mais pura e ardente encarnação da alma de um povo”.² Daí talvez a grande voga da arte popular na Europa, nos primeiros anos do século XIX.

José de Alencar, nas suas cartas a Joaquim Serra, publicadas em 1874, e onde trata de poesia sertaneja, exalta os poemas *O Boi Espácio* e *O Rabicho da Geralda*, e, transcrevendo deste último uma fusão de cinco variantes, afirma: “É nas trovas populares que sente-se mais viva a ingênua alma de uma nação.”³

Há uma infinidade de versos sertanejos que, de certo tempo para cá, têm sido recolhidos pelos estudiosos do folclore brasileiro. Mas um poeta houve que, tendo nascido no Ceará, em 1836, e falecido em seu Estado natal em 1931, resolveu um dia, aproveitando-se às vezes de alguns versos anônimos e desenvolvendo-os, e outras vezes compondo poemas totalmente seus, interpretar os sentimentos do povo de sua terra. Esse poeta foi Juvenal Galeno.

2 — OS PRELÚDIOS POÉTICOS

Rodolfo Teófilo, em 1919, no momento em que se comemorava um dos aniversários do poeta, fez publicar no *Correio do Ceará* uma nota em que dizia, entre outras coisas:

Gonçalves Dias, amigo de Juvenal Galeno, percebendo no jovem cearense qualidades de escriptor, reveladas embora em versos fracos, aconselhou-o a que abandonasse o lyrismo e sua musa cantasse o viver do nosso povo.

O sábio e salutar conselho do poeta maranhense fez do lyrico medíocre o insigne bardo popular, o nosso Béranger, cujo nome circula em todo o Brasil, e de quem os intellectuais cearenses hoje festejam o 83.º aniversário natalício.⁴

2 Apud WELLEK, René. *História da crítica moderna*. São Paulo, Herder, v. 1, 1967, p. 173.

3 ALENCAR, José de. Cartas ao Sr. J. Serra. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). *Caminhos do pensamento crítico*. Rio de Janeiro, Companhia Editora Americana, v. 1, 1972, p. 156.

4 TEÓFILO, Rodolfo. “Juvenal Galeno”. *Correio do Ceará*. Fortaleza, 1.º de outubro de 1919, p. 1.

Tornou-se famoso esse fato. Mas quer-nos parecer que o cantor dos Timbiras, que esteve em Fortaleza com a célebre Comissão Científica, em 1859, não teria dado esse conselho se não conhecesse já versos de cunho popular compostos pelo poeta cearense.

Antônio Sales, em capítulo de seu admirável livro *Retratos e Lembranças*, referindo-se aos *Prelúdios Poéticos* (1856), que marcaram a estréia de Galeno, diz supor “nada terem de comum esses versos com o gênero a que Juvenal se consagrou depois”,⁵ acrescentando ter motivos para afirmar que o mencionado livro seguia modelos que não eram Lamartine ou Byron, amplamente seguidos na época.

Era o caso de pensarmos que Gonçalves Dias teria dado o célebre conselho fundamentado talvez em poemas ainda inéditos de Galeno.

Na verdade, porém, como demonstramos num estudo publicado no jornal *O Povo*, em 1976 (nos 120 anos da estréia do poeta), o livro *Prelúdios Poéticos*,⁶ hoje raríssimo, e do qual encontramos um exemplar na valiosa biblioteca de obras cearenses do bibliófilo José Bonifácio Câmara, no Rio de Janeiro, o livro *Prelúdios Poéticos* está cheio de versos de sabor popular, como em *A Noite de S. João*:

*Em minha terra a estas horas
Eu sorria alegremente,
Tirava sorte cõas moças,
E brincava tão contente!
Era ledo e folgazão
Em noite de S. João!*

Em *A Canção do Jangadeiro*:

*Rema, rema, jangadeiro,
Vai tua esposa abraçar,
Ver os tão tristes filhinhos,
Que já choram de esperar!*

5 SALES, Antônio. *Retratos e lembranças*. Fortaleza, Castro e Silva-Editor, 1938, p. 39.

6 GALENO, Juvenal. *Prelúdios poéticos*. Rio de Janeiro, Tipografia Americana, 1856. (No livro de estréia, o poeta assinou o nome completo: Juvenal Galeno da Costa Silva.)

Ou ainda na *Cantiga do Violeiro*:

*Nas cordas d'esta viola
Quando toco e vou cantando,
Meu coração contristado
Em prazeres vai nadando!*

Romantismo puro encontramos não somente nas várias epígrafes de Gonçalves Dias, Gonçalves de Magalhães, Álvares de Azevedo, Lamartine, Musset e Hugo, mas também e principalmente em versos como os hendecassílabos do poema *Cismar*:

*E a lua vagava nos Céus infinitos,
Tão bela qual v'rgem sozinha pensando!
E eu era mui triste no adro do Templo
Na laje marmórea, na vida cismando!*

Ou os decassílabos de *Sou Triste*:

*Sou triste como a linfa suspirosa
Entre a selva de noite serpeando;
Sou triste como a rosa murchecida,
Que a fera ventania vai levando...*

Ou ainda os eneassílabos de *A Enjeitada*:

*Eu a vi!... Triste pranto banhava
Sua face tão linda e corada!...
Era jovem e já desditosa,
Era, oh Deus! uma triste enjeitada!...*

Como deixamos claro no aludido estudo, são poemas de principiante que mal ensaiava os primeiros passos na composição do verso. Mas, além de representarem o início do Romantismo cearense, sendo que para Antônio Sales e Mário Linhares eles iniciam a literatura no Ceará, os *Prelúdios Poéticos* de Juvenal Galeno, publicados no Rio, quando o poeta contava 20 anos de idade, já traziam algumas notas pálidas mas precursoras daquela poesia de caráter popular que iria povoar as páginas de sua obra máxima, as *Lendas e Canções Populares*.

3 — AS LENDAS E CANÇÕES POPULARES

Publicado em 1865 (o mesmo ano de *Iracema*, de José de Alencar), o livro *Lendas e Canções Populares* teria em 1892 uma segunda edição, aumentada com as *Novas Lendas e Canções Populares*, impressa em Lisboa para um editor de Fortaleza. É desta edição que nos serviremos.

É interessante ler o que diz o autor, logo na abertura do Prólogo de seu livro capital:

Reproduzindo, ampliando e publicando as lendas e canções do povo brasileiro, tive por fim represental-o tal qual elle é na sua vida intima e politica, ao mesmo tempo doutrinando-o e guiando-o por entre as facções que retalham o Império, — pugnando pela liberdade e reabilitação moral da patria, encarada por diversos lados, — em tudo servindo-me da toada de suas cantigas, de sua linguagem e algumas vezes de seus proprios versos. ⁷

Efetivamente, ele fez-se o intérprete do homem do povo, traduzindo-lhe os pensamentos e anseios, alegrias e tristezas, quer em poemas totalmente originaes, quer, como confessa, servindo-se de versos colhidos na musa anônima, versos a que dava forma mais esmerada. Geralmente o poeta partia de uns poucos versos anônimos para, com palavras inteiramente suas, compor longos poemas em que era o porta-voz da gente simples de sua terra. Só o título do livro, *Lendas e Canções Populares*, já bastaria para justificar a inclusão de um ou outro trecho de poesia oral. Mas o autor fez questão não só de dizer no prólogo do livro que usou versos do povo, mas também de, nas notas ao fim do volume, indicar quais as composições inspiradas nos cantares sertanejos ou praianos.

A propósito, o escritor Otacilio Colares, falando dos que porventura censurem o poeta por esse procedimento, lembra que não existe o plágio na poesia trovadoresca, e faz esta indagação da maior pertinência:

⁷ GALENO, Juvenal. *Lendas e canções populares*. 2. ed. Ceará, Gualter R. Silva-Editor, 1892, p. 29.

Quem iria procurar, como plágio, decalque grosseiro, no Bach de tantas obras maravilhosas, certos trechos que são, sem dúvida, a transcrição fiel de certos ritmos e melodias populares da época em que viveu o genial compositor alemão? 8

Buscando identificar-se com o seu povo, acompanhou-o Juvenal Galeno, observando o seu viver simples, no sertão, na praia e na montanha, decorando os seus cantos, lendas e crendices, para poder escrever o que realmente esse povo sentia.

O poema que abre o livro, *O Pobre Feliz*, é produção original do poeta, que se imagina um pai de família para quem a felicidade não consiste na posse de bens, mas na paz junto aos seus. Vazado em redondilha maior, o metro mais popular de todos, é composto de sextilhas entremeadas de quadras onde o segundo verso tem duas sílabas. Dizem as primeiras estrofes:

*Sou pobre, mas sou ditoso,
De ninguém invejo o fado.
Me falta, sim, o dinheiro.
Mas, de minha Rosa ao lado,
Não me falta amor constante
Sossego, mimoso agrado.
Sou pobre, mas sou ditoso,
Meu Deus!
Ao lado de minha Rosa,
Cercado dos filhos meus!*

Estes versos têm muito da redondilha popular. A tal ponto, que João Clímaco Bezerra, na excelente introdução que escreveu para o *Juvenal Galeno* da Coleção Nossos Clássicos da Agir, transcreveu esta sextilha de um famoso improvisador nordestino:

*Sou Veríssimo do Teixeira,
Fura-pau, fura-tijolo.
Se mando a mão, vejo a queda.
Se mando o pé, vejo o rolo.
Na ponta da língua trago
Noventa mil desaforos,*

8 COLARES, Otacílio. *Lembrados e esquecidos*. Fortaleza, Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1975, p. 125.

para dizer, comparando a primeira estrofe de *O Pobre Feliz*, de Juvenal Galeno, com a sextilha do cantador famanaz:

O mesmo ritmo, o mesmo rimário, a mesma métrica. Nota-se, todavia, a linguagem bem cuidada e erudita dos primeiros versos em face do linguajar nordestino e plebeu dos segundos.⁹

Na verdade, porém, se podemos aproximar o ritmo, devido à mesma variação dos ictos, própria da redondilha maior, o mesmo não podemos fazer rigorosamente com relação ao rimário, já que a última rima do cantador, *desaforos* (seria mais autêntico no singular), é toante em confronto com *rolo* e *tijolo*, ao passo que são todas consoantes as rimas pares da estrofe de Galeno. Também a métrica não é idêntica, visto que o improvisador foi obrigado a uma síncope, aqui não assinalada, forçando-o a dizer *Veris'mo*, sob pena de o verso contar oito sílabas métricas. O que é absolutamente exato na observação de João Clímaco Bezerra é a diferença de linguagem dos versos de Juvenal, o que se justifica tanto pelo fato, apontado pelo crítico, de ele não ter sido "um poeta espontâneo e sem cultivado, como a maioria dos improvisadores de desafios",¹⁰ quanto pela intenção de recriar os cantares do povo. Nem poderia aliás agir de outra forma quem era consciente de sua missão de transfigurador da arte popular, chegando mesmo a citar Herder em apoio de seus propósitos.

Em *O Vaqueiro*, outra composição em que não se baseou em versos de outrem, assume o poeta a personalidade de um sertanejo acostumado a correr as caatingas atrás da rês arisca, enfrentando mil perigos; note-se o orgulho com que o suposto vaqueiro fala de seu ofício:

*Ai, vida qu'eu levo por montes e valles,
Catingas e grotas se vou campear;
E após descansando, cercado dos filhos,
E junto à consorte nos gozos do lar!
A vida qu'eu levo,
Ovi-me cantar.*

9 BEZERRA, João Clímaco. *Juvenal Galeno*. Rio de Janeiro, Agir, 1959. (Nossos Clássicos, v. 34) p. 8.

10 *Ibidem*, p. 9.

Composto em hendecassílabos iâmbico-anapésticos, seu ritmo, em determinadas estâncias, chega a ter caráter onomatopaico, figurando o galopar do cavalo.

Apesar de romântico, esse poema revela um intuito algo realista ao pintar, com minúcias de observador atento, a vida e os costumes do vaqueiro, não esquecendo sequer os pormenores de sua indumentária rústica: “De véstia e perneiras, chapéu, guardapeito, / De pelles curtidas... que lindo trajar!”

Veja-se com que arte é narrada a carreira vertiginosa do cavaleiro atrás da rêz: note-se que a primeira metade (ou hemistíquio) do terceiro verso de uma estrofe vai ser a mesma que inicia a seguinte:

*Assim campeando... se encontro, se vejo
A rêz mais arisca de todo o sertão,
Eu boto o cavallo... fechada a carreira,
Veloz o ginete mal pisa no chão!...
Da vida qu'eu levo,
Ouvi-me a canção.*

*Eu boto o cavallo... que sente as esporas,
E assopra e se escancha nos rastos da rêz. .
Ardente... brioso... sedento de glórias...
Por altos e baixos correndo por trez!
Da vida qu'eu levo,
Ouvi-me esta vez.*

O mesmo processo vai continuar nas duas estrofes subsequentes, onde continua a narração da carreira espetacular:

*Então nas catingas, rompendo espinheiros,
Saltando os vallados... qual passa o tufão,
Que louca vertigem... que fogo no peito...
Té o céu desafio no meu campeão!
Da vida qu'eu levo,
Ouvi-me a canção.*

*Que louca vertigem! Por entre mil troncos,
Fugindo aos embate... irado a gritar...
O galho do mato de um pulo salvando...
Cahindo na sella... sem nunca parar!
Da vida qu'eu levo,
Ouvi-me cantar.*

Essa façanha do vaqueiro saltando por cima do galho e caindo sobre o dorso do cavalo nos traz à lembrança uma das estâncias do poema popular *O Rabicho da Geralda*, reproduzido por José de Alencar numa das citadas cartas a Joaquim Serra, e também posta pelo romancista na boca de um dos personagens de *O Sertanejo*:

*Tinha adiante um pau caído
Na descida dum riacho;
O cabra saltou por cima
O ruço passou por baixo.*

Após vencer o animal arisco, derrubando-o, volta o vaqueiro para casa, onde, ferido e rasgado, conta à esposa os sucessos da peleja:

*E ella me escuta... dizendo: — “que louco!
“Feriu-se, rasgou-se... Me queres matar!”
Talvez lá consigo dizendo: — “que bravo!
“Não há quem te vença... mas sei eu te amar!”*

Episódio semelhante, ilustrado com a mesma suposição, mas contado em prosa, vamos encontrar em outra obra de Juvenal Galeno, *Cenas Populares*, de 1871, talvez o primeiro livro de contos do Ceará: é na narrativa *Folhas Secas*, quando o velho José Bernardo, lembrando-se do passado, e de sua esposa Jardimina, diz:

Contava-lhe então os sucessos do campo: ora a carreira por altos e baixos a todo o pano, na espinhosa caatinga que me rasgara a véstia e o guarda-peito e ferira-me o ginete; ora o arremeter do novilho; o encontro da cascavel ou da onça, etc. Escutando-me, ela estremecia aflita e rogava-me que não me atirasse a tantos perigos; mas, não deixava de alegrar-se dentro d'alma, porque todas as mulheres, meus rapazes, gostam dos homens valentes.

Além do valor artístico, os poemas de Juvenal Galeno assumem singular importância documental, retratando fatos e figuras típicas de um passado hoje remoto. Isto foi sentido por F. Alves de Andrade, em conferência pronunciada na Casa de Juvenal Galeno, em 1948, depois de haver dito que a obra do poeta “é fotografia da vida de

nossas populações, no litoral, nas serras e no sertão, afirmou:

Quando se tiver de reconstruir a História, feita não simplesmente de fatos heróicos, de guerras, de exaltação política, mas dos inúmeros fatores cuja variedade escapou à argúcia dos historiadores passados, (...) veremos que só a tradição, manifesta nas lendas, canções, poesias, costumes populares etc. abrigarão a verdade das coisas procuradas pela ciência.¹¹

É imensa a galeria de tipos cearenses das *Lendas e Canções Populares*: em *O Boiadão*, vazado em redondilha maior, e baseado, segundo o autor, em trovas do povo, novamente o poeta fala pela boca de um vaqueiro destemido: cada quadra é seguida de dois tetrassílabos que representam a toada de tanger os bois no sertão:

*Dizendo sentido adeus
Às varzeas do meu sertão,
P'ra feira vou caminhando
Na frente do boiadão.
 Ê cou... mansão,
 Ê cou... ê cão!...*

*Pois sou vaqueiro de fama,
Com minha vara na mão,
Como ninguém sou teméro
Na frente do boiadão.
 Ê cou... mansão,
 Ê cou... ê cão!*

Encontrando porém “formosa dona” que lhe incendeia o coração, esquece ele que deixara família e que já tinha muitos afetos, no que parece diferir daquele outro vaqueiro que vimos há pouco. Passa então a cortejar a “dona formosa”, e ela a esquivar-se. Até que lhe oferece nada menos

11 ANDRADE, Francisco Alves de. “O Pioneiro do folclore no Nordeste do Brasil”. *Anais da Casa de Juvenal Galeno*. Fortaleza, t. 1, 1949, p. 216.

do que o Boi Espácio (ou Espaço). E veja-se a fina malícia da estrofe derradeira:

*Ella aceitou... ó má lingua,
Nada mais n'esta canção,
Sobre outro assumpto discorre
Na frente do boiadao.
 Ê cou... mansão,
 Ê cou... ê cão!*

Todas as quadras, note-se ainda, terminam com o mesmo verso, o qual funciona como um refrão, juntamente com o apêndice em tetrassílabos.

Mas, intérprete verdadeiro e fiel do povo simples, não fala o poeta somente de valentias: seu intuito de captar a realidade chega ao ponto de fazê-lo imaginar-se um jovem nada valente, e sem o menor amor ao seu ofício. Tal ocorre em *O Rapaz da Guia*, onde também figura o canto do boiadeiro:

*Pobre rapaz da fazenda,
Nos campos do Ceará,
Fo-ime sorte ser guieiro,
Oh, meu Deus, que sorte má!
 M'escolheram por esperto,
 Em susto continuo vou;
 Segui-me, gado formoso,
 Ó boiada, ê cou... ê lou...*

*Vou cantando aqui na frente
D'este gado, a caminhar,
Onde terei certa a morte
Quando a boiada arrancar;*

*Pois o gado sequioso
Se uma fonte adivinhou,
Corre todo — eu fico morto;
Oh, que sina!... ê cou... ê lou...*

Note-se, em versos já transcritos, como os de *O Pobre Feliz*, ou os do presente poema, e mais em outros que surgirão, a colocação do clítico, ou pronome oblíquo, à maneira popular: “Me falta”, “M'escolheram”, etc.

Quase sempre falando por outrem, vai o poeta traduzindo os sentimentos de seus conterrâneos, falando na primeira pessoa, mas num discurso em que não temos o *eu* romântico, porque na verdade ele diz, com palavras suas, o que o homem inculto não diria, ou diria, mas de forma tosca. Assim é que, depois de falar como o vaqueiro destemido ou como o tangerino medroso, ele fala como se fosse *O Escravo*:

*Vou cantar a minha vida,
Nos ferros da escravidão...
Calai-vos, celestes auras,
Rugi com força, oh, tufão!
 Que é filha do desespero
A minha rude canção,
 Como a dor que m'apunhala,
Nos ferros da escravidão!*

Em várias composições tratou Juvenal Galeno do problema da escravidão, que ele talvez tenha sido o primeiro a fustigar em versos, como sugere Antônio Sales, em seus já citados *Retratos e Lembranças*.

Outras vezes, quem fala nos versos de Galeno é o violeiro pachola e amigo da aguardente, como muitos que havia e ainda há nos sertões: as estrofes são formadas de duas trovas, começando a segunda com o último verso da primeira, a que se seguem sempre os mesmos três versos. Em nota a este poema, que se intitula *O Sambista*, informa o poeta: "Quasi todos os versos d'esta canção copiei entre o povo: cabe-me pois somente a sua correção e ordem." 12

*Quando pisei n'este mundo.
Foi de viola na mão,
Tocando o meu choradinho,
Dansando n'uma funcção
 Dansando n'uma funcção...
Me peguem senão desmaio;
Dêem-me da branca um copinho,
Qu'eu quando bebo não cáio!*

12 GALENO, Juvenal. *Lendas e canções populares*, cit., p. 602.

*Sonhando passo meus dias
Nas delícias do baião,
A noite passo cantando
Nas azas da inspiração...*

*Nas azas da inspiração...
Me peguem senão desmaio;
Dêem-me da branca um copinho,
Qu'eu quando bebo não cáio!*

Em *A Esmola*, datado de 1859, quem fala é um velho mendigo:

*Uma esmola, irmão, ao velho,
Que para comer não tem;
Pobre velho n'este mundo
Sem arrimo, sem vintém:
Uma esmola... Deus vos pague,
Como paga a quem faz bem.*

Não esqueceu, em sua faina de retratar o seu povo, nenhum tipo digno de nota, e é assim que interpreta, numa produção de 1860, as idéias, talvez não muito patrióticas, de *O Votante*:

*Me affirmam que sou votante,
Cidadão qualificado,
Olé!
Por isso já não descanso
Dia e noite atormentado
Com pedidos,*

*Que respondo: — só eu voto,
Só vou lá
Se me derem boa roupa,
Tá, — ra, — lá...
Sem o que, palavra d'honra,
Não vou lá.*

E também está presente nas *Lendas e Canções Populares* a figura do patriota aguerrido que, por conta própria, se alista para lutar pela pátria na Guerra do Paraguai: é *O Voluntário do Norte*, onde se estadeia não só a verdadeira coragem do sertanejo, mas também sua bravata de Quixote caboclo:

*Adeus, gente d'esta terra,
Campinas do meu sertão,
Que a cornêta está chamando
Os caboclos da nação:*

*Vou-me embora para a guerra:
Commigo quem é que vai?
Que sou um cabra de fama
Vou mostrar no Paraguay!*

.....

*A viola está dizendo
Que o Lope' está derrotado,
E a rabeça confirmando
A derrota do malvado;*

*Se fôr assim, mato o resto,
Ao menos arranço um ai...
Se não fôr, eu mato o Lopes,
Esmago seu Paraguay!*

É claro que não é somente o sertão que constitui matéria poética do livro de Juvenal: também o mar, com seus pescadores e suas lendas: em *O Velho Jangadeiro*, o protagonista está no fim da vida, mas ainda é obrigado a pescar, para sobreviver:

*Velho... fraco... quasi cego...
Meus dias passo no mar,
Sobre a minha jangadinha
À noite volto ao meu lar,
As vezes rindo contente,
Muitas vezes a chorar!*

*Sorrindo se fui ditoso...
Chorando se não pesquei...
Eia, vamos, jangadinha,
Sobre estas vagas correi!*

No *Mistério do Mar*, não fala o poeta unicamente pelo personagem central do poema: alguém interpela um jangadeiro, entrando em seguida o narrador para, entre aspas, aparecer o discurso do jangadeiro:

— *Jangadeiro, jangadeiro,
Que fazes cantando assim,
Embalado pelas vagas
No seio do mar sem fim?*

*E o jangadeiro nas ondas
Cantava triste canção;
Solto o remo, presa a vela,
De sua jangada então.*

— *“Ai de quem amou na vida...
“Ai de quem sentiu amor...
“Ai de quem sonhou constante
“Um peito falso... traidor!”*

Enquanto o pescador chorava sua desventura, havia festa numa choça da praia: é que Maria, “a flor da praia”, estava noiva, ia casar. Na choça, a festa; no mar, a tristeza imensa do jangadeiro enamorado. E vem então o lance trágico, que é o clímax do poema, um dos textos em que mais patente se revela a filiação romântica do poeta:

*No outro dia... à luz da aurora,
Na areia viu-se encalhar
O corpo do jangadeiro,
Que a onda trouxe do mar!*

.....

*Desde esse dia... nas ondas,
Quando a noite é de luar,
Vê-se ao longe a jangadinha
Por sobre a face do mar.*

*E o jangadeiro cantando
A sua triste canção...
Embalado pelas ondas...
Ao gemer da viração...*

A *Jangada*, um dos mais belos e conhecidos poemas de Juvenal Galeno, merece transcrição completa, o que faremos oportunamente. A respeito, esclarece o autor: “Ouvi a primeira quadra d’esta canção entre pescadores e ampliando-a escrevi as demais.”¹³

13 Ibidem, p. 603.

Realmente, no conto intitulado *Naufrágio*, que figura no livro *Praias e Várzeas* (1915), Gustavo Barroso faz um de seus personagens dizer estas duas trovas:

*Minha jangada de vela
Que vento queres levar?
De dia, vento de terra,
De noite, vento do mar.*

*Ai, amor, por ti eu parto!
Por ti, amor, voltarei!...
Quando amor levo p'r'os mares,
Nas praias quanto deixei!*¹⁴

Juvenal Galeno partiu da primeira trova, apenas, para compor seu admirável poema, aterando ligeiramente os dois versos finais (em vez de “*De dia, vento de terra, / De noite, vento do mar*”, “*Tu queres vento de terra, / Ou queres vento do mar?*”), e repetiu os versos iniciais ao fim da quadra, transformando-a numa sextilha: o emprego desse refrão ao fim de cada estância parece sugerir o monótono vaivém das ondas. Suspendamos por instantes a nossa prosa árida para escutar apenas os versos do poeta, transcrevendo na íntegra essa página que é uma das mais puras do lirismo cearense:

*Minha jangada de vela,
Que vento queres levar?
Tu queres vento de terra,
Ou queres vento do mar?
 Minha jangada de vela,
 Que vento queres levar?*

*Aqui no meio das ondas,
Das verdes ondas do mar,
És como que pensativa,
Duvidosa a bordejar!
 Minha jangada de vela,
 Que vento queres levar?*

14 BARROSO, Gustavo. *Praias e várzeas*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1915, p. 36.

*Saudade tens lá das praias,
Queres n'areia encalhar?
Ou no meio do oceano
Apraz-te as ondas sulcar?
Minha jangada de vela,
Que vento queres levar?*

*Sobre as vagas, como a garça,
Gosto de ver-te adejar,
Ou qual donzella no prado
Resvalando a meditar:
Minha jangada de vela,
Que vento queres levar?*

*Se a fresca briza da tarde
A vela vem te oscular,
Estremeces como a noiva
Se vem-lhe o noivo beijar:
Minha jangada de vela,
Que vento queres levar?*

*quer sossegada na praia,
Quer nos abysmos do mar,
Tu és, oh minha jangada,
A virgem do meu sonhar:
Minha jangada de vela,
Que vento queres levar?*

*Se a liberdade suspiro,
Vens liberdade me dar;
Se fome tenho — ligeira
Me trazes para pescar:
Minha jangada de vela,
Que vento queres levar?*

*A tua vela branquinha
Acabo de borrifar;
Já peixe tenho de sobra,
Vamos à terra aproar:
Minha jangada de vela,
Que vento queres levar?*

*Ai, vamos, que as verdes ondas,
Fagueiras a te embalar,
São falsas n'estas alturas
Quaes lá na beira do mar:
Minha jangada de vela,
É tempo de repousar!*

Como um dia tivemos ocasião de assinalar, encontramos fielmente retratada nesse poema “a vida do jangadeiro que, falando carinhosamente à sua embarcação, empresta-lhe qualidades humanas; aqui, a prosopopéia não é simples adorno, mas reflete a importância da jangada para o pescador, ou seja, sua própria razão de ser”. 15

Avesso a derramamentos líricos na maioria de suas composições em que interpreta o sentimento alheio, veja-se porém como o poeta é extremamente romântico em estrofes como a quarta, em que compara a jangada a uma donzela “resvalando a meditar”, ou a quinta, onde a embarcação, beijada pela brisa, estremece como a noiva ao receber o beijo do amado, ou, mais ainda, na sexta, em que ele exclama, enlevado: “Tu és, oh minha jangada, / A virgem do meu sonhar”.

Depois de tantas vezes repetido o refrão, o verso final surge-nos imprevisto fechando magnificamente o poema: em vez da indagação esperada (“Que vento queres levar?”), conclui o poeta: “É tempo de repousar!”

Outra composição de Galeno que obteve larga notoriedade foi o *Cajueiro Pequenino*: aqui, entretanto, o autor não interpreta sentimentos alheios, mas parece falar por si mesmo, traduzindo certamente uma reminiscência da infância. Numa nota, esclarece: “Esta canção foi escripta sobre a copla popular:

*“Cajueiro pequenino,
Carregadinho de flôr,
Eu também sou pequenino,
Carregadinho de amor.” 16*

Mas o certo é que, desta trova anônima, ele aproveitou apenas os dois primeiros versos, sendo inteiramente originais todos os restantes. Com isso, criava o poeta cearense

15 *Literatura cearense*. Fortaleza, Academia Cearense de Letras, 1976, p. 42.

16 GALENO, Juvenal. *Lendas e canções populares*, cit., p. 599.

uma composição que era inegavelmente sua, mas com as raízes profundamente embebidas na alma de seu povo:

*Cajueiro pequenino,
Carregadinho de flôr,
À sombra das tuas folhas
Venho cantar meu amor,*

*Acompanhado somente
Da brisa pelo rumor,
Cajueiro pequenino,
Carregadinho de flôr.*

*Tu és um sonho querido
De minha vida infantil,
Desde esse dia... me lembro...
Era uma aurora d'abril,*

*Por entre verdes ervinhas
Nasceste todo gentil,
Cajueiro pequenino,
Meu lindo sonho infantil.*

.....

*Cresceste... crescemos ambos,
Nossa amizade também;
Eras tu o meu enlevo,
O meu affecto o teu bem;*

*Se tu soffrias... eu, triste,
Chorava como... ninguém!
Cajueiro pequenino,
Por mim soffrias também!*

.....

*Mas um dia... me ausentaram...
Fui obrigado... parti!
Chorando beijei-te as folhas...
Quanta saudade senti!*

*Fui-me longe... muitos annos
Cajueiro pequenino,
Ausente pensei em ti...
Quando obrigado parti!*

*Agora volto, e te encontro
Carregadinho de flôr!
Mas ainda tão pequeno,
Com muito matto ao redor...*

*Coitadinho, não cresceste
Por falta do meu amor,
Cajueiro pequenino,
Carregadinho de flôr.*

Podemos ver traços de influência lusitana em alguns passos da poesia de Galeno, como essa “aurora d’abril” do “Cajueiro Pequenino”; mas o que predomina avassaladoramente é a toada sertaneja, com seus refrões e sua cristalina simplicidade.

Discordando da afirmação de Sílvio Romero, segundo o qual a obra de Juvenal Galeno “nem é a idealização artística do viver popular, nem é a colheita direta de seu *cancioneiro*”,¹⁷ disse Antônio Sales, de maneira irretorquível, já que a crítica não pode exigir do artista mais do que ele se propôs, que a obra poética de Galeno.

foi o que devia ser — uma *interpretação* mais correcta e desenvolvida do sentimento popular diffundido nas suas cantigas, nas suas lendas, nas suas ingenuas e rudimentares ficções.¹⁸

No livro *Sertão Alegre*, depois de assinalar que muitas trovas cantadas pelo povo tiveram origem erudita, tendo Gonçalves Dias composto uns versos de “Reis” que se popularizaram no Maranhão, Leonardo Mota adverte que, por isso, aquele que pretender dedicar-se ao estudo do folclore deverá fazer distinção entre o que é *popular*, o que é *popularesco*, e o que é *popularizado*. E explica:

Popular é a poesia de autoria ignorada ou anônima e que o povo repete; *popularesca* é a que é feita em estilo singelo, à maneira popular; *popularizada* é a que logra divulgação extraordinária entre o povo e adoção cabal, por parte do mesmo apesar de ter sido, originariamente, de autoria conhecida.¹⁹

17 ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. 6. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, v. 4, 1960, p. 1132.

18 SALES, Antônio, op. cit., p. 43.

19 MOTA, Leonardo. *Sertão alegre*. 2. ed., Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1965. p. 193.

Para exemplificar, o folclorista cearense aponta como *popular* esta trova de autor desconhecido:

*Quem disser que amor não dói
Desconhece amor, então,
Queira bem e viva ausente,
Vigie lá se dói ou não.*

Como exemplo de poesia *popularesca*, cita o estudioso esta, de erudito poeta, cujo nome não declina:

*É verdade e não parece,
Mas é verdade patente:
A gente nunca se esquece
De quem se esquece da gente.*

E conclui:

Popularizada, afinal, é aquela outra de Juvenal Galeno, incorporada, até, no *Cancioneiro Português*:

*Cajueiro pequenino,
Carregadinho de flor,
Eu também sou pequenino,
Carregadinho de amor.*²⁰

Em termos de sistematização, é muito feliz, a nosso ver, essa divisão proposta pelo eminente folclorista. Mas, quanto aos versos escolhidos para exemplificar a poesia popularizada, temos de mais uma vez lembrar que, segundo o próprio Juvenal Galeno, eles são da musa anônima, e ninguém desconhece que serviram de epígrafe ao *Cajueiro de Gentil Homem de Almeida Braga*.

Na verdade, para adotarmos a divisão estabelecida por Leonardo Mota, devemos considerar a poesia de Juvenal Galeno como *popularesca* (apesar de o sufixo *esca* muitas vezes se revestir de conotação pejorativa, que não é o caso presente): segundo a própria definição do folclorista, é esta a poesia feita à maneira popular. Portanto, a poesia de Galeno.

²⁰ Ibidem, p. 193-4.

5 — CONCLUSÃO

Em conferência proferida na Casa de Juvenal Galeno em 1958, Dolor Barreira, ao classificar literariamente o poeta, disse que “Juvenal era, sim, um poeta romântico, mas de feição peculiar — regionalista, popular, folclórica.”²¹ É exata a observação do grande historiador de nossa literatura, e justamente devido a essa feição característica é que o egocentrismo típico da corrente não se encontra em vários de seus principais poemas, como aliás já assinalamos.

Lembre-se, todavia, que o Romantismo, já ao nascer, na Alemanha, tinha como uma de suas preocupações a valorização da arte do povo.

O cantor das *Lendas e Canções Populares* representa, assim, melhor talvez do que qualquer outro poeta do Brasil, aquela vertente do Romantismo que procurava identificar-se profundamente com a alma popular, produzindo a arte anunciada por Herder, antes mesmo do advento da escola. Por isso, falando da obra do poeta cearense, disse João Clímaco Bezerra ser ela, “na literatura brasileira, a primeira tentativa de uma poesia tipicamente regionalista”.²²

Interessante é lembrar que mesmo em pleno Romantismo, quando deveria ser prezada a poesia do povo, já que representava uma soberba manifestação de nacionalismo, tinha Juvenal Galeno consciência do pouco apreço que muitos teriam por sua obra, e por isso dizia, no prólogo de seu livro máximo, saber que seria mal recebido “nos salões aristocratas”. Mas tinha o poeta um consolo e consolo dos mais compensadores:

Continuarei, pois; desprezado dos salões encontrarei bom gasalhado na officina, na choça, no seio do povo; o operário entoará no trabalho estas canções, as creanças repetil-as-hão no lar, e o veterano, o recrutado, o escravo, o oprimido... derramarão muitas lágrimas ao escutal-as.

E assim cumprirei minha missão.²³

Machado de Assis, ao comentar a primeira edição das *Lendas e Canções Populares*, pelas colunas do *Diário do Rio de Janeiro*, em 1866, após afirmar que “algumas das can-

21 BARREIRA, Dolor. “Juvenal Galeno”. *Anais da Casa de Juvenal Galeno*. Fortaleza, t. 2, 1958, p. 243.

22 BEZERRA, João Clímaco, op. cit., p. 1.

23 GALENO, Juvenal. *Lendas e canções populares*, cit., p. 39.

ções são bem escriptas, e todas originaes”, e de lamentar que o autor não cuide com zelo “a versificação e a língua”, acrescenta:

O seu talento é um filho da natureza; cumpre à arte desenvolvê-lo e educá-lo. Taes são os nossos sentimentos; applaudindo a tentativa presente, aguardamo-nos para louvar-lhe as suas obras futuras. 24

O autor das *Crisálidas* estava sendo coerente com um ideal artístico que defenderia por toda a vida, mas o certo é que Juvenal Galeno fez exatamente o que lhe cumpria, e aquilo que se propusera: houvesse ele escrito versos sem a menor preocupação artística, e melhor teria sido coligir nas fontes os próprios versos dos sertanejos incultos. Por outro lado, se houvesse tentado interpretar os sentimentos do povo através de poemas artisticamente mais trabalhados do que os que compôs, melhor teria sido não se dedicar à musa popular.

Para nós, o poeta cearense construiu uma obra ímpar, de tal forma legítima em sua singeleza, que ainda hoje nos parece perfeitamente lícito repetir aquela pergunta que, no jornal *Constituição*, de Fortaleza, fez Araripe Júnior, em 1872: “Quem porventura entre nós já conseguiu realizar no gênero popular o mesmo que Juvenal Galeno?” 25

Juvenal Galeno, que nascera em Fortaleza, no dia 27 de setembro de 1836, faleceu na mesma cidade em 7 de março de 1931, quase aos 95 anos de idade. E com sua morte, ocorrida há precisamente cinquenta anos, perdia o Ceará um dos seus mais famosos poetas, e um dos que mais honraram a terra do berço, pela cearensidade de sua obra singular.

24 Apud GALENO, Juvenal, *ibidem*, p. 27.

25 Apud GALENO, Juvenal, *ibidem*, p. 6.